

PENSANDO AS LICENCIATURAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Pensando as Licenciaturas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P418 Pensando as licenciaturas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Pensando as Licenciaturas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-118-3

DOI 10.22533/at.ed.183191202

1. Educação. 2. Professores – Formação. 3. Pesquisa – Metodologia. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 373.1122

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este é o segundo da obra “Pensando as licenciatura, produzida colaborativamente por docentes e discentes de Programas de Pós-Graduação . Nos vinte e seis capítulos que a compõem a obra, buscou-se esboçar um panorama dos estudos que vêm sendo realizados nas Universidades e nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia nos últimos anos, os temas são diversificados. A partida foi dada no volume I e ainda não terminamos, o assunto é instigante e o processo de leitura ainda não basta, porque devemos nos conhecer! Em sentido mais amplo, o espectro das pesquisas desenvolvidas nesta obra abarca questões de diversos tipos, desde aquelas que tratam da gênese do conhecimento das ciências e da pedagogia, matemática, química e dos objetivos da educação científica, das relações entre ensino e aprendizagem, das vinculações entre ciências e as questões socioculturais, da interação entre saberes científicos e cotidianos, da ciência e da técnica como culturas e forças produtivas, até as que abordam sobre o desenvolvimento de propostas curriculares envolvendo didáticas específicas ou modelos de avaliação diferenciados de processos escolares. “Porque sou feito de energia e tenho ecos, vibrações. E se você está inerte, eu posso ser a gravidade. Porque sou feito de energia e tenho ecos, vibrações. O caminho é incerto, assim como a vida mas basta o acreditar, caminhar firme e saber que o fio condutor da felicidade é fazer o que realmente gostamos”.

Licenciature-se

No artigo AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS DO LEITE CRU SEM INSPEÇÃO COMERCIALIZADO NO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MA os autores José Manoel de Moura Filho, Liane Caroline Sousa Nascimento, Joyce Bitencourt Athaide Lima, Rodrigo Maciel Calvet avaliar os parâmetros físico-químicos do leite cru comercializado sem inspeção em diferentes pontos comerciais no município de Caxias, No artigo BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, o autor Vinícius Lurentt Bourguignon busca realizar uma análise das contribuições biológicas e filosóficas para a consideração moral com os animais não humanos, e teve como objetivos; avaliar os conhecimentos e opiniões de alunos universitários em relação a ética e a experimentação animal em seus devidos cursos, verificar a existência de relações entre as opiniões e respostas de empatia dos alunos iniciantes e finalistas quanto à experimentação animal, e verificar a existência de relações entre as variações nas respostas de empatia com o especismo. NO ARTIGO CÁLCULO E A APLICAÇÃO DA LEI DO RESFRIAMENTO DE NEWTON (Alison Vilarinho Pereira da Costa, Elisangela Rodrigues de Sousa Leite Lima, Flaviano Moura Monteiro, Gideônio Barros Mendes, Vitória Fernanda Camilo da Silva) busca analisar os dados percebemos que o bloco de cerâmica perde a temperatura mais rapidamente assim como uma diferença entre o resultado obtido pelo modelo matemático da lei de Newton e aquele obtido nas mensurações das temperaturas, fato esse justificado pelo não controle da temperatura ambiente que é

base da lei de Newton. No artigo CUIDADOS COM A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR: O PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA NO SÉCULO XIX, o autor Leandro Silva realizou análise de 16 teses, desenvolvidas no formato dissertativo, que tinham o intuito de conferir o título de médico aos alunos dessa faculdade, oriundos de diferentes regiões do Brasil. No artigo A CULTURA COMO LIGAÇÃO ENTRE ENSINO E EDUCAÇÃO, o autor Marcelo Ramão da Silveira Barbosa, identificou por meio de pesquisas que o brasileiro tem pouco contato com atividades culturais, denunciando um vazio que precisa ser preenchido por iniciativas que visem criar e manter a vontade de consumir cultura, como um dos elementos de criação de qualidade de vida e levar ao indivíduo se perceber como parte integrante do mundo e se inserir em sua comunidade se sentindo pertencente a ela. No artigo CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM PEDAGOGIA, os autores Silvia Maria Alves de Almeida e Suzi Laura da Cunha, buscam repensar os desafios da formação dos professores indígenas na licenciatura em Pedagogia. No artigo DE UM ENSINO INCLUSIVO A UMA ESCOLA INCLUSIVA: UM CONVITE À REFLEXÃO, os autores Maria Rosilene de Sena, Karyn da Silva Pereira, Márcia Beatriz Morais Castro Meireles, Rosélia Neres de Sena, Waléria Pereira de Araújo buscaram conhecer as concepções de escola e em ensino inclusivos estabelecendo relações entre a visão dos profissionais da educação, os teóricos e a realidade observada. No artigo DESAFIOS DO ENSINO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM BIOLOGIA, a autora Adriane Barth, buscou identificar as perspectivas de futuros professores de Biologia sobre trabalhar a disciplina de Biologia no Ensino Médio sob a perspectiva da evolução biológica. O artigo DESAFIOS E REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IFMA: A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE, o autor Elias Rodrigues de Oliveira buscou descrever de forma reflexiva sobre o conceito de educação do campo frente à realidade desse estado e a importância do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência, na formação de futuros professores para atuação no campo. No artigo DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO: DISTINÇÃO NECESSÁRIA À CULTURA QUÍMICA Amanda de Magalhães Alcantara Juliana Alves de Araújo Bottechia, os autores investigação da formação de professores em Química, mais especificamente, à possibilidade da abordagem didática em sala de aula por meio da Cultura Química como prática pedagógica, em um trabalho de Iniciação Científica aprovado pela Pró – Reitora de Pesquisa e Pós – graduação da Universidade Estadual de Goiás – UEG. No artigo DIMENSÕES E PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, os autores Leandro Hupalo, Adriana Richit, a autora busca organizar um quadro de formação docente no Brasil, explicitando as dimensões e conhecimentos pertencentes a esse processo, sobretudo aqueles pertencentes à educação profissional. No artigo DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO: UMA ANÁLISE DE EMENTÁRIOS, a autora Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

estudo buscou investigar as (des)construções do imaginário de ensino de Língua Portuguesa em graduação de Direito, olhando para os saberes linguísticos mobilizados, à luz da Análise de Discurso francesa em diálogo com a História das Ideias Linguísticas. No artigo DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO LARGO DO PIAUÍ-PI, os autores Thalita Brenda dos Santos Vieira, Lucas dos Santos Silva, Rayane Erika Galeno Oliveira, Thaís Alves Carvalho Elenice Monte Alvarenga, os autores buscaram identificar os fatores que contribuem para o fenômeno da distorção idade-série em escola pública do município de Campo Largo do Piauí-PI. No artigo EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CASA FAMILIAR RURAL PADRE JOSINO TAVARES EM BOM JESUS DAS SELVAS - MA COMO AÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE, os autores Anderson Henrique Costa Barros Daiara, Mendes da Costa, Raquel dos Santos Sousa realizou um trabalho que versa sobre as atividades realizadas durante as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade – PIBID Diversidade realizadas na Casa familiar Rural Padre Josino Tavares no Município de Bom Jesus das Selvas – MA. No ensino ENSINO DE QUÍMICA: PERFIL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO (EREM'S) os autores Dyovany Otaviano da Silva, Katharine Ninive Pinto Silva analisam os impactos do trabalho docente no Ensino de Química nas diferentes jornadas existentes atualmente no Ensino Médio Regular da rede estadual de ensino do estado de Pernambuco. No artigo EQUIPES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO, a autora Eliane Rosa propõe uma reflexão à ampliação da busca constante de apoio no que se refere à inclusão de alunos com necessidades especiais de aprendizagem na rede de ensino em todas as suas esferas de atendimento. No artigo EVASÃO ESCOLAR NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, os autores Matheus Ladislau Gomes de Oliveira, Francisco Valdimar Lopes Agostinho, Raiane de Brito Sousa, Paulo Sérgio de Araujo Sousa, Elenice Monte Alvarenga objetivou abordar os aspectos que vem contribuindo para a ocorrência da evasão escolar em séries finais do ensino fundamental em escolas públicas de São João do Arraial-PI. No artigo ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ÁREA DE CONHECIMENTO MATEMÁTICA, o autor Jonhnatan dos Santos Barbosa – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB – Bahia, buscou apresentar as experiências de uma atividade desenvolvida durante o estágio obrigatório no ensino fundamental II do curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática. No artigo FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONTEMPORANEIDADE, a autora Simone Rodrigues Batista Mendes investigar a formação de professores na Educação Infantil no curso de pedagogia. No artigo GESTÃO DEMOCRÁTICA: A PERSPECTIVA DE ALGUNS GESTORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA – MT, os autores Anderson Medeiros Dalbosco, Abadia Santana Lima, Elis Regina dos Reis Zocche Rios, Fábria Nogueira Porto, Jussara Ramos de Oliveira, buscaram averiguar a efetividade da gestão democrática de uma escola estadual do

município de Juína, Mato Grosso, com base na opinião de uma diretora e uma coordenadora membros do quadro de funcionários desta escola. No artigo HOMENS QUE ESTUDARAM NO MAGISTÉRIO NA DÉCADA DE 1960: ERA MINORIA? CONTINUARAM A TRABALHAR COMO PROFESSOR? Os autores Marcia Schlapp, Wellington Castellucci Júnior buscaram demonstrar o resultado das pesquisas realizadas, enquanto integrante do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID em 2016. No artigo IDENTIFICAÇÃO DA PRESENÇA DO Staphylococcus spp, DE LEITE DE VACAS COM MASTITE SUBCLÍNICA, NAS PROPRIEDADES LEITEIRAS DA ILHA DE SÃO LUIS, os autores José Manoel de Moura Filho Liane Caroline Sousa Nascimento, Adeval Alexandre Cavalcante Neto, Rodrigo Maciel Calvet, buscou nesse experimento identificar a presença Staphylococcus spp, em leites de vacas com mastite subclínica das propriedades leiteiras da Ilha de São Luis, por meio do California Mastitis Tests (CMT) e das provas de catalase, hemólise e coagulase. No artigo INCLUSÃO DO CEGO: Um estudo de caso no Atendimento Educacional Especializado – AEE, a autora Dirlei Weber da Rosa buscou elencar os principais recursos utilizados no AEE para alfabetizar um aluno cego e promover inclusão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS DO LEITE CRU SEM INSPEÇÃO COMERCIALIZADO NO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MA	
José Manoel de Moura Filho Liane Caroline Sousa Nascimento Joyce Bitencourt Athaide Lima Rodrigo Maciel Calvet	
DOI 10.22533/at.ed.1831912021	
CAPÍTULO 2	6
BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIÊNCIA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Vinícius Lurentt Bourguignon	
DOI 10.22533/at.ed.1831912022	
CAPÍTULO 3	36
CÁLCULO E A APLICAÇÃO DA LEI DO RESFRIAMENTO DE NEWTON	
Alison Vilarinho Pereira da Costa Elisangela Rodrigues de Sousa Leite Lima Flaviano Moura Monteiro Gideône Barros Mendes Vitória Fernanda Camilo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1831912023	
CAPÍTULO 4	46
CUIDADOS COM A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR: O PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA NO SÉCULO XIX	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.1831912024	
CAPÍTULO 5	57
A CULTURA COMO LIGAÇÃO ENTRE ENSINO E EDUCAÇÃO	
Marcelo Ramão da Silveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.1831912025	
CAPÍTULO 6	70
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM PEDAGOGIA	
Sílvia Maria Alves de Almeida Suzi Laura da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1831912026	
CAPÍTULO 7	80
DESAFIOS DO ENSINO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS EM BIOLOGIA	
Adriane Barth	
DOI 10.22533/at.ed.1831912027	

CAPÍTULO 8 88

DE UM ENSINO INCLUSIVO A UMA ESCOLA INCLUSIVA: UM CONVITE À REFLEXÃO

Maria Rosilene de Sena
Karyn da Silva Pereira
Márcia Beatriz Morais Castro Meireles
Rosélia Neres de Sena
Waléria Pereira de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.1831912028

CAPÍTULO 9 95

DESAFIOS E REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IFMA:
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE

Elias Rodrigues de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1831912029

CAPÍTULO 10 100

DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO: DISTINÇÃO NECESSÁRIA À CULTURA QUÍMICA

Amanda de Magalhães Alcantara
Juliana Alves de Araújo Bottechia

DOI 10.22533/at.ed.18319120210

CAPÍTULO 11 111

DIMENSÕES E PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL

Leandro Hupalo
Adriana Richit

DOI 10.22533/at.ed.18319120211

CAPÍTULO 12 124

DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO: UMA
ANÁLISE DE EMENTÁRIOS

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

DOI 10.22533/at.ed.18319120212

CAPÍTULO 13 136

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO LARGO
DO PIAUÍ-PI

Thalita Brenda dos Santos Vieira
Lucas dos Santos Silva
Rayane Erika Galeno Oliveira
Thaís Alves Carvalho
Elenice Monte Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.18319120213

CAPÍTULO 14 142

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CASA FAMILIAR RURAL PADRE JOSINO TAVARES EM BOM JESUS
DAS SELVAS - MA COMO AÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE

Anderson Henrique Costa Barros
Daiara Mendes da Costa
Raquel dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.18319120214

CAPÍTULO 15	150
ENSINO DE QUÍMICA: PERFIL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO (EREM'S)	
Dyovany Otaviano da Silva Katharine Ninive Pinto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18319120215	
CAPÍTULO 16	162
EQUIPES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO	
Eliane Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.18319120216	
CAPÍTULO 17	174
EVASÃO ESCOLAR NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Matheus Ladislau Gomes de Oliveira Francisco Valdimar Lopes Agostinho Raiane de Brito Sousa Paulo Sérgio de Araujo Sousa Elenice Monte Alvarenga	
DOI 10.22533/at.ed.18319120217	
CAPÍTULO 18	183
ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ÁREA DE CONHECIMENTO MATEMÁTICA	
Jonhnatan dos Santos Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.18319120218	
CAPÍTULO 19	188
FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONTEMPORANEIDADE	
Simone Rodrigues Batista Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18319120219	
CAPÍTULO 20	200
GESTÃO DEMOCRÁTICA: A PERSPECTIVA DE ALGUNS GESTORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA – MT	
Anderson Medeiros Dalbosco Abadia Santana Lima Elis Regina dos Reis Zocche Rios Fábia Nogueira Porto Jussara Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.18319120220	
CAPÍTULO 21	205
HOMENS QUE ESTUDARAM NO MAGISTÉRIO NA DÉCADA DE 1960: ERA—MINORIA? CONTINUARAM A TRABALHAR COMO PROFESSOR?	
Marcia Schlapp Wellington Castellucci Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.18319120221	
CAPÍTULO 22	213
IDENTIFICAÇÃO DA PRESENÇA DO STAPHYLOCOCCUS SPP, DE LEITE DE VACAS COM MASTITE SUBCLÍNICA, NAS PROPRIEDADES LEITEIRAS DA ILHA DE SÃO LUIS	
José Manoel de Moura Filho	

Liane Caroline Sousa Nascimento
Adeval Alexandre Cavalcante Neto
Rodrigo Maciel Calvet

DOI 10.22533/at.ed.18319120222

CAPÍTULO 23 218

INCLUSÃO DO CEGO: UM ESTUDO DE CASO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
- AEE

Dirlei Weber da Rosa

DOI 10.22533/at.ed.18319120223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 230

A CULTURA COMO LIGAÇÃO ENTRE ENSINO E EDUCAÇÃO

Marcelo Ramão da Silveira Barbosa
(IFMT) – geomarcelo.silveira@gmail.com

RESUMO: Apesar dos avanços quantitativos, na educação brasileira, não se percebeu melhoras nos indicadores que aferem estes dados. Em contraponto se identificou por meio de pesquisas que o brasileiro tem pouco contato com atividades culturais, denunciando um vazio que precisa ser preenchido por iniciativas que visem criar e manter a vontade de consumir cultura, como um dos elementos de criação de qualidade de vida e levar ao indivíduo se perceber como parte integrante do mundo e se inserir em sua comunidade se sentindo pertencente a ela. Quando o indivíduo se percebe no mundo ele também percebe que está inserido num território e que nele pode ser agente de transformação, assim a menor escala do território é o indivíduo que se sentindo inserido no mesmo pode cooperar por transformar a sua realidade e dos que estão a sua volta.

PALAVRAS CHAVE: educação, ensino e sinergia

educação no Brasil está de mal a pior, mas apesar de se tentar implantar métodos novos de ensino, nada aconteceu, e os resultados continuam pífios, que diga o PISA que anualmente avalia a qualidade de ensino em vários países ao largo do mundo. Atualmente, participam do Pisa os 34 países membros da OCDE e vários países convidados. Os resultados do Pisa 2012 congregaram 65 países, entretanto este total congrega algumas economias que não podem ser consideradas países, como Hong Kong, Macao, Shanghai e Taiwan. Durante as edições também ocorrem alterações entre os participantes, em 2012 foram incluídos Vietnam, Chipre, Costa Rica, Emirados Árabes Unidos e Malásia. Outros países participaram da edição do Pisa 2009 e saíram da edição do Pisa 2012, como Panamá, Trinidad e Tobago, Quirguistão, Azerbaijão e Dubai (EAU).

1 | EMBASAMENTO DA ANÁLISE

Já há alguns anos que se ouve falar que a

	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Número de alunos participantes	4.893	4.452	9.295	20.127	18.589
Leitura	396	403	393	412	410
Matemática	334	356	370	386	391
Ciências	375	390	390	405	405

Quadro comparativo dos resultados do Brasil no PISA desde 2000.

Fonte: INEP

Conforme informações do INEP os indicadores de desempenho estudantil produzidos pelo PISA, têm a pretensão de orientar, nos países participantes, políticas educacionais voltadas à melhoria da qualidade da educação. Os resultados do programa fornecem três tipos de indicadores:

- a) Indicadores básicos, que dão um perfil dos conhecimentos, habilidades e competências dos alunos.
- b) Indicadores contextuais, que mostram como tais conhecimentos, competências e habilidades estão relacionados a variáveis demográficas, sociais, econômicas e educacionais.
- c) Indicadores de tendências, que emergirão a partir dos dados a serem coletados ao longo da série histórica.

Qualquer estudioso, se indagado em relação a melhor forma de melhorar a qualidade de vida de uma população em geral, são taxativos em afirmar que a educação é, conforme, nos brinda o educador Gomes (2009) quando afirma desconhecer outra *“atividade mais responsável pela evolução, com caráter de responsabilidade social, do que a educação”*. Já em Saviani (2008) nos lembra de que a inovação não tem sido o foco da filosofia da educação, apesar, desse conceito, estar largamente divulgado em variadas ciências, ela ainda não tornou tema central na forma de pensar e agir o ensino. Dessa forma depreende-se que embora pareçam sinônimos não são: de um lado a educação e do outro ensino.

A evasão é de 24,3% no ensino fundamental brasileiro, um a cada quatro estudantes abandonam a escola antes de chegar à última série do ensino fundamental. O dado foi destaque no Relatório de Desenvolvimento produzido pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e divulgado em 2013 que posicionou o Brasil como o 3º país com a maior taxa de evasão escolar entre 100 países.

2 | EDUCAÇÃO COMO AGENTE DE ECLOSÃO DO INDIVÍDUO

Etimologicamente, o termo “educar” vem de “educare” em latim, com a raiz comum de “educere”, em que “e” (= “de”, procedência) + “ducere” (= guiar, levar, conduzir) + “ad” (= “para”, indicando complemento de direção). Por sua vez, e referindo-se diretamente só ao verbo “educare”, Cunha (1994) assim define educação: “(...) processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança”. Aristoteles afirmava que a educação é algo de caráter imaterial e entende que somente através da relação do indivíduo com outras pessoas pode fazer um homem: se essa relação é qualificada pode se tornar um bom homem.

Como nos ensina Carrasco (1987) que educação recorda a uma circunstancia aludindo ao fato de que a educação não se refere a uma só atividade, senão ao conjunto diverso delas, por isso sua compreensão será complexa. Uma das vias para entender do assunto, tal qual nos recorda Ferrández e Sarramona (1985), que há centenas de definições usadas por diversos pensadores que se debruçaram sobre o assunto em diversas temporalidades Blanco (1930), em sua Enciclopédia de Pedagogia, identificou mais de 184 definições de educação. Momento em que se pode recorrer a North (2005) que afirma que a teoria empregada não está à altura da tarefa, uma vez que esse termo vai ser pesquisado e não se chegará a uma consideração final em tempo algum.

Pode se entender que juntando as duas coisas, que “educação” é o processo pelo qual educando, conduz o desenvolvimento de sua capacidade física, intelectual, moral e social do estágio em que se encontra para outro mais aprimorado (AVILA, 2000. p.73). Numa visão mais sintética de interação entre formação e educação, dizia que esta se situa no patamar básico de busca, decifração, discernimento e incorporação de sentidos e valores de determinada realidade e aquela, a educação, dá condições do passo avante para a pessoa, traduzir de fato esses sentidos e valores em rumos e procedimentos alternativos para o seu desenvolvimento físico, intelectual, moral e social (ÁVILA op. Cit). Portanto, formação e educação se complementam como fenômenos, vez que educação supõe formação como fundamento e formação precisa de educação para se materializar na dinâmica existencial - individual e coletiva - das pessoas.

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1834) não ficou a margem das discussões em relação à educação de sua época, porque os efeitos do Iluminismo na França e na Inglaterra irradiaram até Alemanha. A luta libertaria do homem retirando-o de sua minoridade intelectual meandrava na possibilidade de recepção do saber conforme o Iluminismo (NOVELI, 2001). Da mente que tem gravada em si o saber em Locke a Kant que posicionava que a capacidade organizadora da razão confirmava-se na aprendizagem humana. Mais entranhado na Alemanha, esse conceito, e pode-se recorrer Lessing com sua “Educação do gênero humano” incentivado na sua época pelo esforço de construção da humanidade segundo os postulados iluministas. Também

contribuíram para criar ambiente favorável à consideração da educação. “Todos os sucessos do homem, todas as ciências e todas as artes, se estiverem devidamente fundamentadas, não terão senão outra finalidade que nos humanizar, isto é, converter em humano o não humano ou o semi-humano.” (HERDER, apud NOVELI, 2001).

Hegel afirmava que o homem é resultado da intencionalidade e isto o caracteriza. O homem é o que ele faz de si mesmo. Obviamente não há o controle ou a consciência absoluta de tudo o que o homem possa ser e fazer. As consequências de um ato humano não podem ser absolutamente determinadas. Assim mesmo o homem é sua própria atividade, a formação empreendida e recebida, em outras palavras, a sua educação.

A educação então é o resultado de ações, de transferência de informações, que durante o passar do tempo foi sendo transmitida pelos diversos meios a determinado indivíduo ou sociedade, em cada período da evolução humana variadas metodologias foram empregadas na tentativa de criar indivíduos, que tomassem consciência de que são únicos e que vivem, ao recorrer a Descartes e sua celebre frase: “penso, logo existo”, assim se verifica que uma sociedade que tem, em sua maioria, pessoas que “pensam” e emitem seus pareceres em discussões das mais variadas temáticas são aqueles que, no momento, conseguem encontrar soluções para seus problemas e encontrar soluções para saírem da crise. É um lugar comum afirmar-se que a educação pode ser formal e informal e que pode ser desenvolvida por meio do ensino.

A educação como processo de aperfeiçoamento implica a ação por parte do educador (agente que ensina) e o sujeito da ação. O primeiro com forma premeditada e sistematizada trata de organizar o contexto no qual se produz o ensinamento, com a intenção de favorecer o processo perfectivo nos educandos, que se metabolizará na aprendizagem. Ao retomar a Castillejo (1987), que afirma que com este tipo de ações planejadas, o que se pretende através da educação é evitar os “hazards” no processo de construção humana.

3 | O ENSINO COMO PARTE DA EDUCAÇÃO

Do mesmo modo que emprego é uma das modalidades de trabalho, o trabalho é um conceito mais amplo que emprego, visto que trabalho é toda atividade que depreende energia humana, essa energia pode ser remunerada por um pagamento, feito por outro, pelo seu gasto, por meio de contrato formal, aí se tem uma relação de emprego, ou a produção de trabalho pode ser paga diretamente pelo que necessita da ação, sem que haja, necessariamente, vinculação formal de emprego.

O trabalho pode ser formal ou informal, da mesma maneira que a educação, dessa forma se aprende que ensino é o caminho que se segue para chegar à educação, de forma mais genérica, o ensino é a estrada, o caminho, e a educação é o lugar que se quer chegar. E para se chegar a esse destino se tem inúmeros caminhos que chamaremos de ensino, daí emergirem inúmeros métodos de ensino, cada qual com

seus métodos e objetivos. Como se viu o emprego é uma das modalidades de trabalho e o ensino é uma das modalidades que podem, ou não, levar a educação. Ao recorrer a Avila (op.cit) que afirma que educar é levar o indivíduo um passo adiante do estado em que ele se encontra, dando-lhe o direito a escolha de seu próprio destino.

Do mesmo modo que educação se compartimenta em dois grandes vieses, o ensino também pode ser compartimentado em diversos cursos. Nesse trabalho entende-se que o ensino é o método de transferência da informação e que educação é a metabolização das informações e conseqüentemente na transformação da informação em conhecimento, ou seja, conhecimento é o momento em que todas as informações são transformadas em oportunidades e a partir delas o indivíduo consegue alterar a sua realidade e a daqueles que fazem parte de sua rede. Momento em que o indivíduo toma consciência de que é um ser pensante e vivente.

- a) Ensino formal
- b) Ensino não formal
- c) Ensino informal
- d) Ensino informacional
- e) Ensino sinérgico

a) Ensino formal- é aquele transmitido por meio de um método previamente preparado e estudado, também conhecido como método científico, pois atende aos pressupostos que delimitam como tal. É o das relações secundárias em (leis, regimentos, regulamentos e quaisquer outros tipos de normas e decisões coletivas)

É o método empregado dentro das escolas, com planejamento, objetivos e metas.

É o método usado também fora da escola, mas que atende a um planejamento anterior com seus objetivos e metas a serem alcançados.

b) Ensino não formal- é aquele transmitido por meio de ações, ou entabulação de relações não formais entre indivíduos. É aquele em que predominam as relações primárias em cujas as pessoas se conhecem, se avaliam e se controlam, assim como conhecem, avaliam e controlam o ambiente comum de suas existências (Ávila, op.cit)

Pode ser familiar- quando indivíduos mais experientes informam suas conquistas e habilidades por meio de exemplos ou de ações ensinando o da geração seguinte às técnicas aprendidas ao longo de sua relação com o meio

Pode ser coloquial- quando o aprendizado ocorre em conversas informais entre pessoas do mesmo grupo, ou em encontro de associações, igrejas, templos e cooperativas.

c) Ensino informal – ocorre com a transmissão de informações em ambientes desconexos com o ensino formal, metodológico, são aqueles que são realizados de forma espontânea e sem cunho avaliativo, como em passeios guiados por especialistas no assunto, que esclarecem possíveis dúvidas que possam ocorrer durante o momento de contato com sujeitos.

d) Ensino informacional- aquele em que as informações das diferentes mídias chegam ao sujeito, como jornais impressos, revistas, rádio, internet, teatros, cdrom e qualquer outro meio de informação sem contato direto entre o agente e o sujeito.

e) Ensino sinérgico – aquele em que há a combinação de todos os ensinos, na tentativa de massificar uma ideia ou um conceito, além de uma ideologia. Neste, poder-se-ia incluir a cultura como ponte entre todos os outros meios de ensino.

4 | A CRISE DE IDENTIDADE BRASILEIRA

Ao levantar as causas do desenvolvimento diferenciado, observado na Terceira Itália, Robert Putnam, aventou que uma das respostas para seus questionamentos seria o “capital social” se refere a elementos de organização social como as redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação em benefício recíproco (PUTNAM, 1995: 67). Contudo, capital social é sinônimo da existência de confiança social, normas de reciprocidade, redes de engajamento cívico e, finalmente, de uma democracia saudável e vital, sendo a formação do estoque de capital social resultado de um longo processo histórico. Portanto, foram as diferenças na vida cívica, baseadas em histórias político-institucionais distintas, que Putnam identificou como responsáveis pelas diferenças em relação ao desempenho das instituições, dos governos e, como consequência, do sistema produtivo nas diferentes regiões da Itália. De modo resumido, pode-se definir capital social como um conjunto de laços e normas de confiança e reciprocidade contidos numa comunidade que facilitam a produção de capital físico e capital humano.

Ao se reportar a Putnam (2000:19), “enquanto capital físico refere-se a objetos físicos e capital humano refere-se às propriedades dos indivíduos, capital social refere-se às conexões entre indivíduos — redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que aumentam a produção de capital físico e capital humano”. Neste sentido capital social está intimamente relacionado com o que muitos chamam de ‘virtude cívica’. A diferença é que ‘capital social’ chama a atenção para o fato de que virtude cívica é mais poderosa quando inserida numa densa rede de relações sociais recíprocas. É por meio da criação e desenvolvimento de organizações e associações livres que estimulavam a cidadania que se podia assegurar a manutenção do espaço da palavra e da ação comunitária.

A identidade cultural brasileira ainda está em gestação, visto que a interação

cultural no país ainda é pífia, como se pode ser comprovada na pesquisa realizada pelo Fecomercio/RJ.

5 | OS REFLEXOS DA AUSÊNCIA CULTURAL BRASILEIRA

Ao se valer da pesquisa realizada pela Fecomercio, demonstra que a vida cultural do brasileiro ainda não teve alterações nos seus índices:

FREQUENCIA CULTURAL BRASILEIRA	
	2014
Exposição de arte	11,4%
Espetáculo de dança	8,8%
Teatro	11,4%
Show	19,4%
Cinema	26,3%
Leem livro	29,9%

Fonte: FECOMERCIO/RJ

A movimentação cultural brasileira ainda precisa percorrer um largo caminho, visto que fica claro e evidente que não há vida cultural brasileira, principalmente no que toca as pessoas de baixo nível escolar, mesmo aquelas que apresentam maior tempo de estudo não apresentam grande participação na vida cultural de seus lugares.

Uma das maiores preocupações é com a pouca leitura que os entrevistados apresentaram, além do mais é importante saber o que o brasileiro está lendo. As escolas brasileiras estão cada dia mais desinteressante e a tentativa de mudar métodos de ensino, avaliação e políticas educacionais não têm surtido efeito, principalmente enquanto não houver alteração do modo de gerir os poucos recursos que são destinados a todos os níveis educacionais. A semente da cultura é plantada nos anos iniciais de vida, pais que leem livros criam filhos leitores e da mesma maneira, no aspecto cultural, pais que vão a óperas e concertos de orquestras criam pessoas preparadas para entender os diversos tipos de musica e arte.

Uma das principais causas desse fenômeno *acultural* é a falta de incentivos, primeiros pelos pais, depois pelos professores e termina na falta de apoio dos governos que não criam condições dos pais e professores criarem essa necessidade.

Para que se venda um produto no mercado, antes de coloca-los a venda, são feitas propagandas dos mesmos para que possa criar a necessidade de consumir, a necessidade de consumo é diretamente proporcional ao bombardeio que se faz nas mídias do produto que se quer vender, assim, mesmo que não se precise do produto propagandeado a exposição do mesmo nas mídias cria no consumidor a necessidade de ter o produto para que não se sinta excluído da sua tribo. (BARBOSA, 2015)

A meta é repensar o papel da cultura numa sociedade moderna que não considera lazer cultural uma forma de entretenimento. Para isso, é preciso agregar esforços.

É fundamental uma política de parceria público-privada. Seria leviano transferir a responsabilidade apenas para o governo e iniciativa privada. É necessário um esforço individual do cidadão para que em um futuro não muito distante a população brasileira possa ser formada por consumidores de cultura. (FECOMERCIO/RJ, 2015)

Estudos recentes comprovam que quanto maior a “pertença” ao território, maiores são as chances do indivíduo colaborar com o território e dar dinâmica a ele (PUTNAM, op. cit), emergindo nesse território uma coletividade inovadora e que se colaboram por existir e melhorando continuamente sua qualidade vida e trazendo consigo um indicador que não se mede no contexto econômico: a felicidade e união. Quanto mais integrada e dinâmica a sociedade mais ela pode reagir diante de problemas que as afeta e podem resolver seus problemas no menor espaço de tempo.

O território precisa do homem para existir, e delimitá-lo segundo suas necessidades. Conforme sua tecnologia avança, mais ele depende menos dos elementos naturais que compõem a paisagem, assim entender o território passa a ser uma dos mais importantes elementos para se encontrar os caminhos do desenvolvimento. Ao se estudar regiões em que os aspectos físicos da paisagem ainda determinam as ações humanas, percebeu-se que a dependência extraterritorial é maior do que naquelas em que as ações humanas já “inventaram a nova natureza”, na qual toda ciência é colocada na ordem do construído, “ela já não imita a natureza, (re) constrói-a segundo as suas representações

Retomando a Putnam, em seus estudos na Terceira Itália, entendeu-se que uma das maiores virtudes daquele lugar era a presença de relações sociais fortes e com grande conexão entre os indivíduos, o que foi chamado pelo autor de “capital social”, dessa forma aquele território obteve maiores vantagens em relação aos territórios que não apresentaram esse potencial. Ao analisar as relações tecidas naquele território Putnam percebeu que a habilidade de se congregarem para ajudar o outro foi um dos fatores determinantes para que aquele local se tornasse dinâmico e apresentasse dinâmica própria. Ao estudar São Gabriel do Oeste, Barbosa (2004) identificou que os setores mais dinâmicos daquele território apresentavam às mesmas características, guardada as devidas proporções históricas, que a terceira Itália de Putnam, um fator levantado por Barbosa (2004) foi que ambos apresentam a mesma origem, a Itália, em diferentes temporalidades, os gaúchos que ocuparam o platô de São Gabriel na década de 1970, no Cerrado, vieram do Rio Grande do Sul e vieram de região colonizada por imigrantes italianos. No trabalho de 2004, Barbosa, identificou que o setor da agroindústria são-gabrielense apresenta dinâmica própria e consegue eles mesmos resolver seus problemas, mesmo diante de fatores extraterritoriais de demanda.

Dessa forma depreende-se de que os territórios dinâmicos pensam e conhecem, ou seja, para que um território apresente dinâmica própria é necessário que seus habitantes o conheçam, conhecer na mais ampla concepção da palavra. Conhecer é identificar suas fraquezas e suas fortalezas, entendendo-se como pontos fortes e pontos fracos de suas cominações. Ao conhecer suas vantagens e suas desvantagens

o meio pode partir para o estágio de cooperar por inovar. Esta visão sistêmica pode ajudar a dialogar, a decidir em consenso e a fazer modificações gradativas nas regras e estruturas básicas do território. Exercitando a reflexão criativa, a comunicação sincera e a tomada de decisão por consenso para aprimorar o jogo, nas relações entre os que cooperam por inovar podendo descobrir que se têm plenas condições de intervir no território positivamente na construção, transformação e emancipação da comunidade em que se vive.

Todo tipo de reação tem intenção que ultrapassa os limites do monetário. Assim, é importante perceber quais os valores que são necessários e a que tipo de propósitos as atividades estão servindo. Pensar o território é identificar seus potenciais e explorá-lo da melhor maneira possível, dando mais ênfases aos seus “melhores produtos”.

Um território pode pertencer a um grupo humano, mas não necessariamente o grupo pertença ao mesmo, dessa forma, sabe-se que uma das premissas para que os territórios se tornem inovadores é o sentimento de pertença, ou seja, o indivíduo se sente do lugar e quer que o mesmo tenha progresso e este progresso se traslade para os demais de seu território. O território é a unidade de um povo, não aquela unidade em que se escolhe o que é melhor para todos, mas aquela em que “o universal não seja levado a cabo sem o interesse particular e nem o indivíduo viva simplesmente para o interesse particular como pessoa privada”(HEGEL).

6 | A ESCALA HUMANA DO TERRITÓRIO.

O indivíduo é a menor escala do território, dessa forma quando os indivíduos do território cooperam por inovar, a inovação se torna duradoura e ganhadora, do mesmo modo que o desenvolvimento a escala humana é *“Tal desarrollo se concentra y sustenta en la satisfacción de las necesidades humanas fundamentales, en la generación de niveles crecientes de autodependencia y en la articulación orgánica de los seres humanos con la naturaleza y la tecnología”* (ELIZALDE. 2008 p.12) Dessa forma o ambiente que pensa no coletivo ao invés de pensar per si, são maiores as chances de se tornar inovadores. Quanto mais as relações se fortalecem mais o território responde as suas necessidades diante das crises setoriais ou cíclicas do capitalismo.

Ademais alguns territórios se mostram muito vulneráveis e padecem as situações com maior gravidade, outros parecem dotados de maior resistência e seus indicadores de desenvolvimento são afetados somente em anos de crise (MENDEZ. p. 23, 2012) . Por sua vez há outros territórios que conseguem adaptar se melhor a nova situação e recuperar se em tempo mais ou menos breve, outros iniciam período de declive prolongado, sem encontrar alternativas definidas para superar tal situação. Por último, dentro de certos territórios que se mostram incapazes de articular respostas coordenadas diante da crise e colocam suas esperanças na ajuda externa.

Compreender melhor por que alguns territórios parecem mais resistentes e capazes de superar a crise que outros exige considerar tanto fatores externos como

também internos ao próprio território. E precisamente “la tensión dialéctica entre ambos tipos de factores la que produce y reproduce un desarrollo geográfico desigual y es un error priorizar unos sobre otros” (HADJIMICHALIS, apud MÉNDEZ).

Essa capacidade de pensar do território se consegue por meio de trabalho coletivo, com efeitos que são visíveis no médio e longo prazos, vez que são qualidades inerentes ao território. Robert Putnam concluiu que o capital social é um fator explicativo da comunidade cívica, que, por sua vez, constitui o contexto do bom desempenho institucional. Pelo contrário, se alcançara somente naquelas façam diagnóstico realista sobre suas limitações e potencialidades, são capazes de mobilizar recursos e empreender ações para superar bloqueios herdados e aplicar estratégias de inovação territorial que permitam encontrar novas respostas diante da crise (MENDEZ, 2012).

Assim entendida, não pode basear se somente na ajuda externa, estas estratégias exigem combinar políticas de apoio geradas em instancias superiores com iniciativas locais, nessa perspectiva multiescalar já reiterada. Tampouco pode se ignorar o passado, Mas deve aprender com o que aconteceu manter essas características de identidade, renovado, e parecer viável e incorporando dos outros, o que perecer mais adaptados aos novos contextos, o que é ser crítico de simplesmente não importar modelos de sucesso, pois em muitos casos o modelo importado não serve para as características do território.

Do contrário, o que resta é a construção de políticas que se reconhecem como inclusivas, mas que, na realidade, só reforçam a desigualdade social, uma vez que estão a serviço de interesses hegemônicos e não universais. Sendo assim, compreender as necessidades humanas na perspectiva histórico-social implica compreender a dialética da desigualdade social e estabelecer critérios efetivamente determinantes para a sua diminuição. Inclui-se, nessa tarefa, o reconhecimento da dimensão subjetiva de sofrimento pela impossibilidade de se sentir fazendo parte da sociedade, o que traz para os grupos e indivíduos, como condição universal, um sentimento de incapacidade e fracasso.

7 | CONFIANÇA E SENTIMENTO DE PERTENÇA

A confiança e a confiabilidade são elementos categoriais importantes para a definição de pertença a um grupo. Esses elementos são, pois, importantes na criação de sinergia favorável a interação dos elementos que compõem um território. A pertença a determinado grupo ou país é um dos elementos mais fundamentais na melhora do ambiente em que se encontra.

Talvez seja nesse ponto em que o Brasil precisa melhorar seus indicadores, começar a trabalhar a formação de confiança e de confiabilidade uns nos outros e nas instituições, Os dois termos levam também a pensar a problemática do estranhamento, uma categoria necessária à constituição de uma sociabilidade e de uma individualidade quaisquer. Se o estranho intimida e provoca reações sociais que visam à indiferença

e sua exclusão, também provoca reações de proximidade e busca de semelhança que levam à assimilação e à composição conjunta a uma dada esfera simbólica e discursiva. O sentido e a vivência cria a noção de confiança, deste modo, constituem um aspecto do medo do outro e da sua ultrapassagem, fundamentando códigos de semelhança onde a confiabilidade é sentida como uma prática entre iguais, as diferenças socialmente produzidas podem desaparecer na medida em que se entende que o desigual deve ser tratado desigualmente.

Permite àqueles que a possui, espécie de segurança íntima de procedimento: já que o outro passa a ser visto como uma extensão ou prolongamento do eu. É um lugar de familiaridade, onde os laços afetivos são intensos, onde a crença no valor do grupo parece sobressair ou sobrepor-se aos diversos membros que dele fazem parte, ao mesmo tempo em que assegura um espaço de diferenciação de cada membro em relação à sociedade em geral. No processo de integração no coletivo, o indivíduo que se sente pertencendo ao grupo sente-se, também, como que encontrando a sua face no social, ou seja, interage com o território, criando a habilidade de fazer ações voluntárias. Ele se torna membro de um grupo e, nessa transubstanciação, parece adquirir um sentido de individualidade pessoal, tornando-se sujeito de fala e de ação frente aos demais. A confiabilidade, por seu turno, traduz-se na ação de conceber ou de conceder confiança. É um ato que requer a aceitação das regras ou códigos de conduta que movimentam as interações entre os diversos membros e que fazem do grupo uma realidade *sui generis*, o que permite aos membros uma concepção sobre a ação de todos e de cada um no mundo exterior e sobre os pares ou parceiros da intensa e constante interação no interior do grupo.

Assim se conclui que o que pertence não adultera o território, apenas o adéqua as necessidades que dele se faz presente, quem pertence se sente parte integrante da vida e o relacional do território sem que além de batalhar para que a melhora seja constante e duradoura.

8 | CONCLUSÃO

As trocas que devem ser feitas na educação e conseqüentemente na cultura do brasileiro, deve passar por total reformulação na gestão dos recursos que se tem disponível. Como se viu nesse trabalho a melhor maneira de inserir o indivíduo, ao território, é possibilitar mecanismos de criação e manutenção do sentimento de lugar, de pertença ao território, somente por esse caminho, que ainda não foi testado em nosso país é que se poderia vislumbrar no médio prazo a mudança no modo de pensar e agir.

A escola, quando o aluno pertencer a ela será o seu lugar de referência e de onde ele deve ter contato com as primeiras linhas da cultura, da leitura, das artes, da poesia. Quantas escolas brasileiras têm grupos de teatro? Quantas têm bandas de música? Quantas têm sarau de poesias? Bem, logo se vê que a ausência de medidas

incentivadoras de atitudes culturais é o maior nó de estrangulamento da educação e da cultura de nosso país.

É de conhecimento geral de que os recursos são limitados e apesar de serem vultosos não conseguem debelar a animosidade que se abateu sobre o sistema de ensino em todos os recantos da federação.

A construção social brasileira se moldou com a dependência do povo desde a época do Império, o povo delegou ao Imperador a função de representante da vontade das bases populares e o grande “juiz” para solução de conflitos internos. Iniciou-se o que se convencionou chamar de “modernização conservadora” da formação sócio espacial brasileira (BARBOSA, 2002). E até hoje se ressentem dessa dependência do povo em relação ao Estado brasileiro.

No Japão, as crianças aprendem a limpar a escola desde cedo e aprendem que eles devem manter o máximo de organização para que a escola fique organizada. Brasileiros que imigram para aquele país não aceitam matricular seus filhos em escolas que praticam tais medidas, por acharem que seus filhos não precisam se sujeitar a tais medidas.

A leitura detalhada do estudo “O hábito de lazer cultural do brasileiro” mostra que a falta de estímulo à cultura gerou um ciclo que perdura por gerações no país. Seja na família, no círculo de amigos ou na escola, a costumeira socialização a que estamos sujeitos, não incentiva o jovem a criar hábitos culturais como os abordados pela pesquisa e tampouco se vê melhorar no indicador do PISA. Em geral, os pais não passam para os filhos os hábitos culturais porque a maioria deles também os desconhece. Na escola, a qualidade do ensino, por mais que se mudem os métodos de abordagem, continuam a desejar por qualidade e a não gera a motivação necessária. Para se ter uma ideia da situação da cultura no Brasil, em 2006, apenas 4,2% dos municípios brasileiros tinham uma secretaria municipal exclusiva para a cultura, segundo o IBGE. A despesa dos municípios brasileiros na área era de 0,9% do total da receita arrecadada, o que ajuda a explicar os números de salas de teatro ou cinema no país.

Será necessária ruptura com a velha forma de ver a cultura como supérflua e que não esteja nas principais listas de necessidades humanas. As primeiras linhas poéticas tem que serem escritas na escola, como já visto, a cultura é o elo de todos os conteúdos, ela pode trazer a tona momentos de descontração e neles se consegue metabolizar as informações trazidas pelas vias de ensino e transformar a sociedade a partir da menor escala do território, o indivíduo, e sua escala humana.

É preciso uma ruptura com os paradigmas, um esforço nacional de longo prazo para interromper a inércia da falta de incentivo aos hábitos de cultura. Afinal, para gostar, é preciso conhecer, é preciso criar a necessidade de cultura, para se consumir cultura, e além do mais a valorização de hábitos culturais tem que começar cedo. A cultura forma uma sociedade mais consciente, compõem a identidade do cidadão, que respeita a si mesmo e ao outro tanto quanto valoriza a sua cultura e passa a ter

sentimento de pertença. Ela é imprescindível para autoestima de um povo, para formar valores éticos e solidários em um país com manifestações culturais tão ricas como o Brasil. Mas acontece que apesar de manifestação cultural vasta elas não interagem e fica isolada, em “ilhas culturais”, fato que poderia ser mais bem aproveitado se os lugares tivesse oportunidade de interagir demonstrar seus valores culturais.

Somente com a criação mecanismos que valorem as diferenças culturais e com a iteração entre o universo cultural e universo de ensino poder-se-á vislumbrar um país mais integrado e com sua identidade fortalecida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ÁVILA, Vicente Fideles de. Considerações sobre gestão integral de educação e outros serviços básicos no município. Revista Brasileira de Administração da Educação. Porto Alegre, Associação Nacional de Profissionais de Administração da Educação (ANPAE), v.5, n.2, jul./dez. 1987.

BARBOSA, Marcelo. Territórios que pensam. Abordagem teórico metodológica. Rev. AGB, Três Lagoas (MS). Vol 12, pp. 112-122. Mai 2012.

BARBOSA, Marcelo. Condicionantes Territoriais de um meio dinâmico em Mato Grosso do Sul. 2004. 116p. Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Local – UCDB, Campo Grande, MS 20 dezembro 2004.

BARBOSA, Marcelo. Sistema Produtivo local e Inovação territorial. 2012. 245p. Tese. Doutorado em Ciências Sociais – PUCMG, Belo Horizonte, MG. 20 dezembro 2012

CASTILLEJO, J. L., “La educación como fenómeno, proceso y resultado”, en CASTILLEJO, J.L.; VÁZQUEZ, G.; COLOM, A. y SARRAMONA, J., Teoría de la Educación, Madrid, Taurus, 1994, págs. 15-28.

CUNHA, Antônio Geraldo. Dicionário etimológico Nova Fronteira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

ELIZALDE, Antonio. Desarrollo humano y ética para la sustentabilidad. PNUMA, Buenos Aires, 2001
FECOMERCIO/RJ, Cultura no Brasil. Fecomercio, Rio de Janeiro, 2015

HERDER, J. G. Bildung zur Menschlichkeit. Besagt und eingeleitet von M. Mühlmeier. Heidelberg: Suhrkamp, 1970.

FERRÁNDEZ, A. y SARRAMONA, J., La educación. Constantes y problemática actual, Barcelona, CEAC, 12ª ed., 1985.

GARCÍA CARRASCO, J., Apuntes de Teoría de la Educación, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1987.

MENDEZ, Ricardo *Crisis económica e impactos territoriales - V Jornadas de Geografía Económica AGE Univ. de Girona 2012.*

NOVELI, Pedro. O conceito de Educação em Hegel, Interface vol.5, nº9, Botucatu, 2001.

PUTNAM, D. Capital Social e Democracia, A experiencia da Itália Moderna. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2000

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida De Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-118-3

